

Ironia*

Aleksandr Aleksándrovitch Blok**
Tradução de Érika da
Silveira Batista***

Resumo: Aleksandr Aleksándrovitch Blok, poeta simbolista russo da Era de Prata, manifestou em prosa, num artigo publicado no jornal “*Rech*” (Ирония), em 7 de dezembro de 1908, sua opinião negativa a respeito da ironia com que a intelectualidade da época tratava tudo a seu redor e que inundava as respectivas obras. Reação natural das almas sensíveis a um século aterrorizante como o século XIX, segundo Blok, essa mesma ironia, exacerbada, levava à insensibilidade, embotando a capacidade de discernir entre bem e mal e desacreditando o próprio piadista, cujo pedido de socorro não era captado pelos demais, iludidos pelo riso compulsivo com que ele disfarçava o desespero. Chamando essa condição de “doença contagiosa”, e reconhecendo-se, ele mesmo, vítima de tal epidemia desumanizadora, Blok encontra a causa da “doença” no individualismo e no apego secreto dos escritores aos objetos de suas sátiras, e aponta a renúncia ao próprio egoísmo como única cura viável.

Abstract: Alexander Alexandrovich Blok, a Russian symbolist poet from the Silver Age, expressed in prose, in an article published by the newspaper “*Rech*” in December 7th, 1908, his negative opinion on the irony through which the intellectuality of his time approached everything around them, and which filled their works. This irony, considered by Blok to be the natural reaction of the sensible souls to a terrifying century such as the 19th, when exacerbated, would bring them to insensitivity, blunting their capacity to discern between good and evil, and taking away the credibility of the joker which couldn't find the help he asked discreetly for in his desperate laughing, because people weren't able to tell when he was serious. Naming this condition “a contagious disease” and acknowledging that he himself was infected by this dehumanizing plague, Blok finds the cause of the “disease” in the individualism and in the secret fondness of the writers for the objects of their satires, and he points to the waiver to one's own egoism as being the only possible cure.

Palavras-chave: Aleksandr Blok; Prosa; Ironia, Humor; Crítica
Keywords: Alexander Blok; Prose; Irony; Humor; Criticism

*Eu não gosto da tua ironia.
Deixe-a para os lassos, os frios e desumanos;
Para nós dois, que tão ardentemente amamos,
Um resto de sentimento ainda guardamos –
De dar-se a ela não chegou o dia.*

- Nekrássov¹

* Artigo submetido em 07 de agosto de 2018 e aprovado em 23 de setembro de 2018.

Texto original acessível em: http://dugward.ru/library/blok/blok_ironiya.html. Acessado em ago/2018.

** Aleksandr Aleksandrovitch Blok (1880 – 1921), poeta, dramaturgo e crítico literário russo, foi um dos principais expoentes do simbolismo russo e um dos maiores nomes da Era de Prata, geração de intelectuais do final do Século XIX, começo do Século XX, que contou com numerosos talentos artísticos.

*** Tradutora de russo e inglês. Responsável pelo projeto “Literatura Russa para Brasileiros” ([site](#) e [redes sociais](#)). Bacharela em Direito e Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: erika.sbat@gmail.com

Os filhos mais vivos, mais sensíveis, do nosso século estão contaminados com uma doença desconhecida pelos médicos do corpo e do espírito. Essa doença é aparentada com os males da alma e pode ser chamada de “ironia”. Suas manifestações são acessos de riso extenuante, que começam com um sorriso provocador, diabolicamente zombeteiro, e terminam em violência e sacrilégio.

Eu conheço pessoas que estão prontas a morrer de rir enquanto comunicam que a mãe delas está morrendo, que elas mesmas estão perecendo de fome, que a noiva as traiu. A pessoa está gargalhando, e você não sabe se, ao ir embora, ela não vai beber vinagre: será que eu tornarei a vê-la? Para mim é engraçado que essa pessoa, dilacerada pelo riso ao comunicar que é humilhada e abandonada por todos, está como que ausente; como se eu não estivesse falando com ela, como se nem existisse essa pessoa, apenas a boca dela gargalhando diante de mim. Quero sacudi-la pelos ombros, agarrar-lhe os braços,

¹ Nikolai Aleksêievitch Nekrássov (1821 – 1878), escritor, dramaturgo, crítico literário e editor russo, autor de vasta bibliografia que aborda constantemente a situação dos pobres na Rússia. Também tem muitos poemas líricos, como este que foi usado por Blok como epígrafe, e cuja tradução completa pode ser lida em: <https://www.literaturarussaparabrasileiros.com/2018/07/eu-nao-gosto-da-tua-ironia-nikolai.html>

gritar-lhe para parar de rir daquilo que lhe é mais caro que a vida – e não consigo. O demônio do riso me quebra também; e eu mesmo já não existo. Cada um de nós é somente riso, nós dois – apenas bocas gargalhando descaradamente.

Não se trata de palavrório. Muitos de vocês, ao se aprofundarem em si mesmos sem pudor enganoso ou malícia, descobriam em si sinais dessa mesma doença.

Grassa uma epidemia; quem não padece dessa doença, padece da inversa: não sabe absolutamente sorrir, nada lhe é engraçado. E, para a presente época, isso não é menos estranho, não é menos doentio; acaso atualmente há poucos fenômenos na vida que não dá para tratar de outra maneira, a não ser com um sorriso?

Por acaso conhecemos e vemos muitos exemplos do riso *edificante*, “sonoro”, do qual falava Vladimir Solovióv² – que, infelizmente, tampouco sabe, pelo visto, rir com um “riso sonoro”, está ele mesmo contaminado com a doença da gargalhada louca? Não, vemos sempre e por toda parte ora rostos constrangidos pela seriedade, que não sabem sorrir, ora rostos se distendendo convulsivamente de um riso interior que está a ponto de afogar toda a alma humana, todos os seus bons impulsos, destruir o homem, aniquilá-lo; vemos pessoas presas de um riso *corruptor*, no qual elas afogam, como na vodca, sua alegria e seu desespero, a si mesmas e a seus entes queridos, sua obra criativa, sua vida e, por fim, sua morte.

Grite-lhes nos ouvidos, sacuda-os pelos ombros, evoque um nome que lhes é precioso – nada ajudará. Ante a face da maldita ironia, tudo é indiferente para eles: o bem e o mal, um céu límpido ou uma cova fétida, a Beatriz³ de Dante⁴ ou a *Nedo-*

² Vladimir Serguêievitch Solovióv (1853 – 1900), poeta, crítico literário, filósofo e teólogo russo filiado à corrente da sofologia e do misticismo cristão, influenciado por Platão, amigo e influenciador de Dostoiévski. Na juventude, foi niilista, mas acabou renunciando ao niilismo por sua dependência do positivismo, com que Solovióv discordava, tendo fundamentado essa discordância em seu livro *Krizis zapadnoi filosofii* [Crise da filosofia ocidental].

³ Beatriz é uma personagem de “A divina comédia” de Dante Alighieri. Prima e paixão platônica do autor, personificação de seu ideal de pureza, Beatriz aparece no livro santificada, no Paraíso.

⁴ Dante Alighieri (1265 – 1321) escritor italiano medieval, mais conhecido pela autoria do poema épico-religioso “A divina comédia”, dividido em três partes que relatam as visitas do

*týkomka*⁵ de Sologub.⁶ Tudo está embaralhado, como em um botequim, ou na escuridão. A verdade do vinho, *in vino Veritas*,⁷ foi manifestada ao mundo, tudo é um, o que é uno – é o mundo; eu estou bêbado; *ergo*⁸ – se eu quiser, “aceitarei” o mundo inteiro, cairei de joelhos perante a *Nedotýkomka*, seduzirei Beatriz; debatendo-me em um fosso, acreditarei que estou pairando nos céus; se quiser, “não aceitarei” o mundo: demonstrarei que Beatriz e a *Nedotýkomka* são a mesma coisa. Eu quero assim, pois estou bêbado. E o que você consegue descobrir com uma pessoa bêbada? Bêbada de ironia, de riso, como de vodca; tudo é igualmente despersonalizado, tudo é “desonrado”, tudo é – tanto faz.

Que vida, que criação, que atividade pode surgir entre pessoas doentes de “ironia”, uma doença antiga, cada vez mais contagiosa? Sem sequer se dar conta, a pessoa se contamina com ela; é como uma mordida de vampiro; a pessoa se torna ela mesma uma sugadora de sangue, seus lábios se incham e enchem de sangue, o rosto empalidece, os caninos crescem.

É assim que surge a doença “ironia”. E como não estaríamos contaminados com ela, tendo acabado de viver o aterrorizante século XIX, o século XIX russo, em particular? Um século que foi bem denominado de “incêndio sem chamas” por um poeta; um século esplêndido e fúnebre, que lançou sobre o rosto vivo do homem o véu de brocado da mecânica, do positivismo e do materialismo econômico, que enterrou a voz humana no ba-

autor ao Inferno, ao Purgatório e ao Paraíso, com descrições de tudo o que ele testemunhou nesses lugares.

⁵ *Nedotýkomka* é um personagem do livro *O diabo mesquinho* de Fiódor Sologub, uma criatura disforme e ligeira que é, literalmente, a encarnação dos medos e sentimentos tenebrosos que assombram o protagonista, e o autor, que mais tarde escreveu um poema sobre o monstro, *Nedotýkomka seraia* [A *Nedotýkomka* cinzenta]. Blok usa o contraste entre a *Nedotýkomka*, encarnação do que é ruim, para seu autor, e Beatriz que, para o seu, era encarnação de tudo o que é bom, para acentuar o embotamento moral a que leva a “embriaguez” da ironia, tornando sua vítima incapaz de diferenciar entre extremos.

⁶ Fiódor Sologub (1873 – 1927), cujo nome verdadeiro era Fiódor Kuzmitch Teternikov, foi um escritor, poeta, dramaturgo e crítico literário russo, um dos maiores representantes do simbolismo.

⁷ “A verdade está no vinho”, em latim no original.

⁸ “Portanto”, em latim no original.

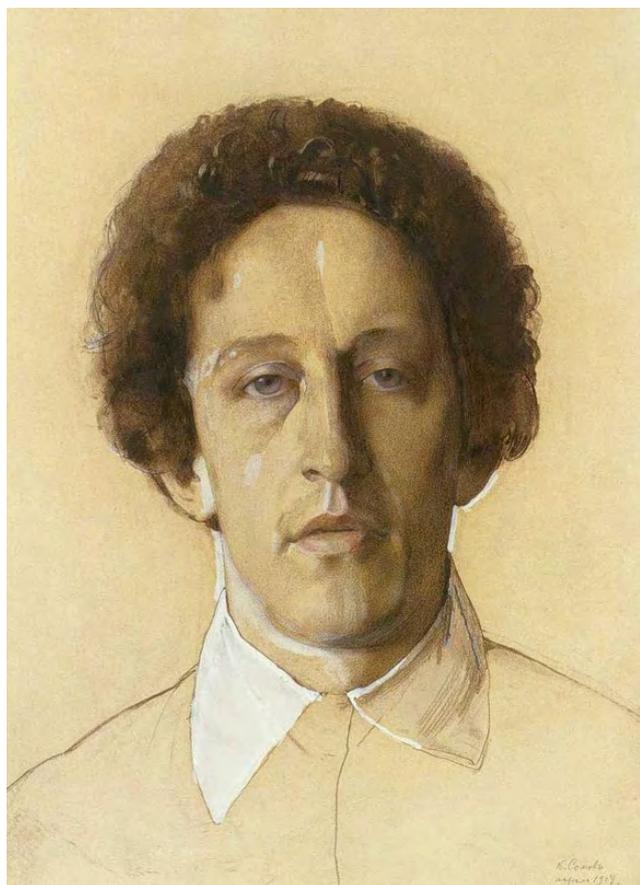


Fig. 1. Retrato do Poeta Aleksandr Blok. https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Portraits_of_Alexander_Blok?uselang=pt#/media/File:Blok.jpg

rumo das máquinas; um século metálico, em que a “caixa de ferro” – o trem das ferrovias – ultrapassou a “inultrapassável *troika*”, na qual Gógol⁹ personificou toda a Rússia,¹⁰ segundo disse Gleb Uspenski.¹¹

Como não sofreríamos de tal doença quando os assobios das nossas locomotivas a vapor se tornaram mais poderosos que a nossa voz, quando, tentando gritar mais forte que a máquina, nós nos esganiçamos, expelimos nossa alma no grito (não é logicamente por isso que, ano a ano, a literatura russa vai morrendo, porque a alma intelectual já foi toda expelida aos gritos, e uma nova ainda não nasceu?), e da alma esvaziada já não escapam a injúria e a glória edificantes, e sim o riso destruidor, devastador?

Já se apontou esse riso, essa ironia, há muito tempo. Dobroliúbov¹² já dizia que “em tudo o que há de melhor na nossa literatura, nós vemos essa ironia, ora ingenuamente aberta, ora maliciosamente quieta, ora moderadamente

⁹ Nikolai Vassílievitch Gógol (1809 – 1852), escritor russo-ucraniano, um dos principais nomes da literatura russa, admirado por seus contemporâneos e pelas gerações seguintes, autor de *O nariz*, *O capote*, *Diário de um louco*, *O inspetor geral*, *Taras Bulba*, *Almas mortas* e diversas outras obras notáveis, majoritariamente de prosa ou teatro, muitas delas com forte nota humorística.

¹⁰ Em russo, “*neobgonymaia troika*” (необгонимая тройка), adjetivo formado a partir da partícula negativa “ne” e do verbo “obgoniat”, ultrapassar. Referência a uma passagem de *Almas Mortas*, no final da Parte I, em que Gógol compara a Rússia a uma *troika* (trenó ou carruagem puxados por três cavalos), que corre numa carreira desenfreada, sabe-se lá para onde, enquanto as demais nações lhe cedem passagem.

¹¹ Gleb Ivânovitch Uspenski (1843 – 1902), escritor russo, prosaísta, simpatizante do movimento do *narodnitchestvo*, correspondente frequente da revista *Otetchéstvennye zapiski* (Notas pátrias), periódico de grande relevância literária, que era editado por Nikolai Negrássov e Mikhail Saltykov-Schedrin.

¹² Nikolai Aleksándrovitch Dobroliúbov (1836 – 1861) foi um influente jornalista e crítico literário russo das décadas de 1850-60. Na literatura, apreciava o realismo, e na política era representante da democracia revolucionária, manifestando-se, em seus artigos, sobre educação e filosofia e, ocasionalmente, escrevendo poemas, mormente de conteúdo satírico.

colérica”.¹³ Dobroliúbov via nisso o penhor do florescimento da sátira russa, ele não conhecia todo o terrível perigo que se originava dali, por dois motivos.

Em primeiro lugar, ele sofria da doença inversa, não sabia sorrir, não dominava nenhum dos multiformes métodos do riso. Ele era filho de uma época que não ria, contra a qual Kuzmá Prutkov¹⁴ era uma reação natural. Tudo bem, era divertido citar Prutkov; agora, é um tanto quanto lúgubre e vulgar, assim como muitos e muitos bons chistes do “período de Pobedonostsev”,¹⁵ até os chistes do brincalhão Vladimir Solovióv.

Em segundo lugar, e isso é o principal, Dobroliúbov é um escritor *pré-revolucionário*. Nos seus palpites críticos não havia nem a mínima previsão, não apenas do “riso vermelho¹⁶”

¹³ Blok cita o artigo *Sobesiédnik rússkogo slova: Izdanie kniagini Dashkovoï i Ekateriny II, 1783 - 1784* (O interlocutor da palavra russa: Publicação da princesa Dashkova e de Catarina II, 1783 - 1784), escrito por Dobroliúbov em 1856, disponível (em russo) em: http://az.lib.ru/d/dobroljubow_n_a/text_0470.shtml Acesso em ago/2018.

¹⁴ Kuzmá Petróvitch Prutkov era um heterônimo coletivo de Aleksei Konstantínovitch Tolstói (1817 - 1875), e Aleksei (1821 - 1908), Vladimir (1830 - 1884) e Aleksandr Mikháilovitch Jemtchujnikov (1826 - 1896), pseudônimo com que os quatro, e por vezes Aleksandr Amossov (1823 - 1866) assinavam poemas, epigramas, fábulas, paródias e diversos textos, em especial de conteúdo satírico, publicado por eles em revistas populares das décadas de 1850-60.

¹⁵ Blok se refere ao governo do tsar Alexandre III, que, sob forte influência de seu professor de Direito Konstantin Petróvitch Pobedonóstsev (1827 - 1907), introduziu medidas de caráter reacionário e nacionalista para combater as reformas liberais e pró-ocidentais de seu pai, Alexandre II. Pobedonóstsev, braço direito do novo tsar, posicionou-se categoricamente contra um parlamento ou uma constituição, defendendo que a Rússia precisava de um governo absolutista. Posicionou-se contrariamente à concessão de liberdade de expressão e de ir e vir e a favor de um Estado de estrutura policial inchada, bem como de um controle mais severo sobre as universidades (АНИСИМОВ, Евгений. История России от Рюрика до Путина. 4-ое издание, дополненное. Санкт-Петербург: Питер, 2016. p. 341-344).

¹⁶ *Riso vermelho* é um conto de Leonid Andréiev publicado em 1905 e narrado em primeira pessoa. O narrador da primeira parte é um oficial que conta sobre algumas batalhas de que participou, inserindo eventos bizarros na história que podem, talvez, ser creditados à loucura que ele mesmo reconhece estar a atingi-lo. A segunda parte é narrada por seu irmão, que conta as coisas que se passam na cidade dele. O irmão também se considera vitimado pela loucura. O conto, em que o caos dá a tônica, é uma reação do autor à guerra russo-japonesa que estava acontecendo na época. O nome do conto vem deste trecho, no final do “Segundo fragmento” da primeira parte: “Os lábios dele se contorciam, esforçando-se para articular uma palavra, e no mesmo instante aconteceu algo incompreensível, monstruoso, sobrenatural. Um vento tépido soprou em minha face direita, fez-me cambalear fortemente - e só, e perante os meus olhos, no lugar de um rosto pálido havia uma coisa curta, apática, vermelha, e de lá corria sangue, como de uma garrafa desarrolhada, como as desenham em tabuletas ruins. E nessa coisa curta, vermelha, corrente, ainda havia uma espécie de sorriso,

de Andréiev,¹⁷ mas sequer da ironia profunda de Dostoiévski.¹⁸ Com a ironia fina e destruidora de Sologub, então, Dobroliúbov sequer sonhou.

Claro: tanto Dostoiévski, quanto Andréiev e Sologub, por um lado, são satiristas russos, reveladores dos vícios e chagas sociais; mas, por outro lado, e o principal, Deus nos livre do riso destruidor deles, de sua ironia; eles são muito diferentes entre si, francamente inimigos em muita coisa. Mas imagine eles entrando na mesma sala, sem outras testemunhas; olhariam um para o outro, começariam a rir e entrariam em acordo... E nós aqui escutando, nós aqui acreditando.

Dostoiévski não diz um “não” redondo ao niilismo de semi-nário que o desmonta. Ele é apaixonado, quase que acima de tudo, por Svidrigailov.¹⁹

Andréiev não apenas se tortura com o “riso vermelho”; ele, nas profundezas inconscientes da sua alma caótica, ama os sósias (*Tchiórnye maski*, [As máscaras negras]), ama o incitador de todo o povo (*Tsar-Golod*, O Rei-Fome), ama a “provocação cósmica” da qual está impregnada a “Vida de um homem” [Jizn tchloveka], o “vento gelado das vastidões sem fronteiras”,

um riso sem dentes – um riso vermelho.

Eu o reconheci, esse riso vermelho. Eu o busquei e o encontrei, esse riso vermelho. Agora eu entendia o que havia nesses corpos deformados, estraçalhados, estranhos. Era o riso vermelho. Está no céu, está no sol, e logo se derramará por toda a terra, esse riso vermelho!” (Trecho traduzido do original, disponível em: <https://ilibrary.ru/text/1646/p.1/index.html>).

¹⁷ Leonid Nikoláievitch Andréiev (1871 – 1919), escritor russo cujos contos, louvados por Tolstói e Górkí, são notáveis por abordar questões cruciais de interesse humano, e por retratar magistralmente as dificuldades de uma pessoa em situações miseráveis, como a que o próprio Andréiev viveu e que o levou a tentar o suicídio aos 30 anos. Esse episódio foi um grande ponto de virada na sua vida, e foi após se arrepender da tentativa de suicídio que Andréiev se formou em Direito, carreira a que, no entanto, nunca se dedicou, conseguindo o sustento como jornalista e literato.

¹⁸ Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1821 – 1881), um dos mais conhecidos e mundialmente apreciados romancistas russos, considerado um dos principais influenciadores do existencialismo, autor de *Crime e Castigo*, *Os irmãos Karamazov*, *Os demônios*, *O idiota*, *O adolescente*, *O jogador*, *Gente Pobre*, *Recordações da casa dos mortos*, *Memórias do subsolo*, entre outras obras, notáveis pelas digressões filosóficas e pela aguda composição psicológica dos personagens.

¹⁹ Arkádi Ivânovitch Svidrigailov, personagem de *Crime e Castigo*, niilista e dedicado unicamente a satisfazer o próprio corpo; é patrão da irmã de Raskólnikov e, por costumar seduzir as criadas, acaba causando a difamação da moça.

que faz oscilar a chama amarela da vela da vida humana.

Sologub não diz “não” à Nedotykomka, ele está ligado a ela por um voto secreto de fidelidade. Sologub não trocaria as trevas do seu modo de vida por nenhum outro. O bruxo Sologub, irônico “Verlaine²⁰ russo”, não vai sair se queixando para ninguém.

Também todos nós, poetas contemporâneos, estamos no foco do terrível contágio. Fomos todos nutridos com a ironia provocativa de Heine.²¹ Com aquela paixão desmedida que desfigura para nós mesmos os semblantes dos nossos ícones, escurece as vestes resplandecentes das nossas relíquias.

Ninguém pode nos dizer uma palavra salvadora, porque *ninguém* conhece a intensidade da nossa contaminação. Que decadentista, positivista ou místico ortodoxo *compreenderia* toda a nudez dessas minhas palavras? Quem conhece a condição sobre a qual fala o solitário Heine: “Eu não consigo entender onde acaba a ironia e começa o céu!”²² Isso é um verdadeiro grito por socorro.

Ama-se rir com aqueles que estão doentes de ironia. Porém, ou não acreditam neles, ou param de acreditar. A pessoa diz que está morrendo, e não acreditam nela. E pronto: a pessoa rindo morre sozinha. Mas, bem, não será melhor assim? “Para um cão, uma morte de cão”.

Não escutem o nosso riso, escutem a dor que está por trás dele. *Não acreditem em nenhum de nós, acreditem naquilo que está por trás de nós.*

Se formos incapazes de mostrar a vocês o que há atrás de nós, aquilo que os outros querem e esperam de nós, deem-nos

²⁰ Paul Marie Verlaine (1844 – 1896), um dos mais populares poetas franceses, simbolista, participante da Comuna de Paris, autor de *Poemas saturninos*, *A voz dos botequins* e outros poemas, entre outros livros.

²¹ Christian Johann Heinrich Heine (1797 – 1856), jornalista, ensaísta, crítico literário e poeta, tido como o último poeta romântico alemão, de origem judaica, crítico da religião, mais tarde influenciado pelos socialistas utópicos e amigo de Karl Marx. Morreu em Paris, para onde emigrara voluntariamente.

²² “...daß ich nicht mehr weiß, wo die Ironie aufhört und der Himmel anfängt (...)”. Blok cita a seção final do ensaio *Die Harzreise*, de Heinrich Heine, disponível (em alemão) em: <https://www.staff.uni-mainz.de/pommeren/Gedichte/Mai-1.html>

as costas o mais rápido possível. Não façam das nossas buscas – modas, das nossas almas – marionetes, que são levadas para divertir o público pelas ruas, e serões e almanaques literários.

Há uma fórmula sagrada, de um modo ou de outro repetida por todos os escritores: “Negue-se a si mesmo para si, mas não para a Rússia” (Gogol). “Para ser você mesmo, é preciso negar a si mesmo” (Ibsen²³). “A abnegação pessoal não é a negação *da personalidade*, mas a negação, *por uma pessoa*, do seu egoísmo”²⁴ (V. Solovióv). Cada pessoa repete categoricamente essa fórmula, esbarra invariavelmente nela, se vive uma vida espiritual, por pouco que seja, intensa. Essa fórmula seria banal, se não fosse *sagrada*. Entendê-la é mais difícil que qualquer coisa.

Estou convicto de que nela se encontra a nossa salvação da doença da “ironia”, que é uma doença da personalidade, uma doença do “individualismo”. Somente quando essa fórmula penetrar na carne e no sangue de cada um de nós começará a verdadeira “crise do individualismo”. Até lá, não estamos seguros contra nenhuma doença do espírito eternamente florescente, mas eternamente infrutífero.

²³ Henrik Johan Ibsen (1828 – 1906), dramaturgo norueguês, considerado o precursor do teatro realista moderno, autor de *Peer Gynt*, *Casa de bonecas*, *Um inimigo do povo*, entre outras peças. Notabilizou-se por tratar de questões sociais controversas, como a sífilis, a subjugação da mulher, a corrupção ou a hipocrisia institucionalizada.

²⁴ Blok cita o tratado *Natsionalnyi vopros v Rossii* [A questão nacional na Rússia], de Vladimir Solovióv, disponível (em russo), em: <http://www.magister.msk.ru/library/philos/solovyov/solovv31.htm> Acesso em ago/2018.